Unde idolum, de Fulgêncio
(Sobre a origem dos ídolos)

Sílvio Bernal
José Amarante
Universidade Federal da Bahia/UFBA

Embora sua produção não registre apenas trabalhos em mitografia, *Fulgêncio* é conhecido como o *mitógrafo*, muito provavelmente em função da boa recepção de sua obra *Mitologiae*, não só no período carolíngio, como também em outros momentos do período medieval. Confundido inicialmente com São Fulgêncio, bispo de Ruspe, a pequena cidade da província romana Bizacena (na África, onde hoje é a Tunísia), e nascido também em Cartago, entre finais do séc. V e início do séc. VI, *Fabius Planciades Fulgentius* é um escritor latino de transição – do final da Antiguidade tardia e início da Idade Média – cuja biografia ainda nos é bastante obscura: muito do que dele conhecemos se deve a referências incidentais que se registram em sua obra, especialmente no prefácio do Livro I das *Mitologiae*. Carecem também de estabilização, mas menos que antes, as referências relacionadas ao seu *corpus* bibliográfico, incluindo aí as controvérsias relacionadas à autoria de certos textos e a sua datação.

Autor ainda pouco explorado, e nada estudado no Brasil, Fulgêncio registra em sua obra aspectos do período de transição entre a Antiguidade e o Medievo, ou apresenta, conforme nos lembram Wolff e Dain, "Uma maneira de exprimir a passagem do paganismo ao cristianismo"[1] (2013, p. 17), nos deixando conhecer a visão cristã sobre o mundo antigo, notadamente, no caso das *Mitologiae*, uma leitura cristã dos mitos pagãos, que resulta na perspectiva de uma humanidade regenerada. Como nos lembram Wolff e Dain (2013), «ele é o primeiro cristão a tomar a mitologia como tema central, e isso dentro de uma perspectiva que não a da crítica sistemática»[2], o que torna a sua obra oportuna, na medida em que nos apresenta registros da forma como os primeiros cristãos viam o conteúdo mitológico pagão.

Lido por autores da época carolíngia e tendo atravessado a Idade Média com edições manuscritas regulares, além de ter servido de base para a trilogia *Mitografi Vaticani*, a partir da primeira edição de

1. "Une manière d'exprimer le passage du paganisme au christianisme". Salvo nos casos em que estiver indicado o contrário, as traduções utilizadas são nossas.

2. "Il est le premier chrétien à prendre la mythologie pour sujet central, et cela dans une perspective autre que la critique systématique."

Milão, de 1498, observa-se uma difusão considerável das *Mitologiae*, o que, segundo Wolff e Dain (2013)[3], faz com que não seja mais possível identificar quais teriam sido precisamente os seus leitores. Perdendo fôlego na Renascença, pelo que se observa nos quatro grandes mitógrafos do período (Pictor, Giraldi, Cartari e Conti), o interesse por sua obra começa a se renovar a partir do século XIX, com os trabalhos germânicos de filologia. Mais recentemente, Martina Venuti (2009) faz uma nova revisão dos manuscritos, corrigindo e completando a história da tradição manuscrita da obra de Fulgêncio.

O autor vem sendo traduzido para as línguas modernas, embora ainda sejam raras as traduções, e nenhuma de suas obras encontra-se traduzida para o português[4]. Para esta tradução do mito que abre o Livro I das *Mitologiae*, estamos utilizando, como fonte básica do texto latino, a única edição moderna completa das *Mitologiae*, a de Helm, de 1898 e reproduzida em 1970 com um adendo bibliográfico de J. Préaux, em Stuttgart, numa edição da Bibliotheca Teubneriana[5].

3. Os dados que aqui apresentamos são, principalmente, coletados a partir de Wolff e Dain (2013).

4. Encontra-se em desenvolvimento a tradução das obras de Fulgêncio para o português na Universidade Federal da Bahia. Informações disponíveis em www.latinitasbrasil.org.

5. Para uma bibliografia comentada dos estudos sobre Fulgêncio, conferir a página da Universidade da Virgínia, mantida por Gregory Hays.

I. Unde idolum

Diophantus Lacedemonum auctor libros scripsit antiquitatum quattuordecim, in quibus ait Sirophanem Aegyptium, familia substantiaque locupletem, filium genuisse; quem, uelut inormis substantiae successorem, ineffabili ultra quam paternitas exigebat affectu erga filium deditum usquedum[6] adversis fortunae incursibus raperetur, quo patri crudelem geminae orbitatis derelinquisset elogium ut et posteritatis perpetuale suffragium denegasset et substantiae propagandae subitam interceptionem obiceret. Quid igitur faceret aut fecunda paternitas in sterilitate damnata aut felix substantia in successione curtata? Parum erat ut non haberet quod habuit, nisi etiam nec esset qui obtineret quod relinquit. Denique doloris angustia quae semper inquirit necessitatis solatium filii sibi simulacrum in edibus instituit dumque tristitiae remedium quaerit, seminarium potius doloris inuenit nesciens quod sola sit medicina miseriarum obliuio; fecerat enim ille unde luctus resurrectiones in dies adquireret, non in quo luctus solatium inueniret. Denique idolum dictum est, id est *idos dolu*, quod nos Latine species doloris dicimus. Namque uniuersa familia in domini *adolatione* aut coronas plectere aut flores inferre aut odoramenta simulacro succendere consuerat. Nonnulli etiam seruorum culpabiles domini furiam euitantes ad simulacrum profugi ueniam merebantur et quasi salutis certissimo conlatori florum atque turis offerebant munuscula timoris potius effectu quam amoris affectu. Denique huius rei non inmemor et Petronius ait: 'Primus in orbe deos fecit timor'; nam et Mintanor musicus in crumatopoion libro artis musicae quem descripsit ait: 'Deum doloris quem prima conpunctio humani finxit generis'. Exhinc ergo inueteratus error humanis pedetemtim consertus discipulis baratro quodam sceuae[7] credulitatis prolabitur.

6. Adotamos aqui a sugestão de Wolff e Dain (2013), que, a partir do aparato crítico de Helm, segue Plasberg: *usquedum*, ao invés de *is qui dum*.

7. Aqui um exemplo das típicas simplificações fulgencianas: *sceuae* por *scaeuae*.

I. Sobre a origem dos ídolos

O autor Diofanto de Esparta[8] escreveu quatorze livros de *Antiguidades*, nos quais diz que o egípcio Sirofanes[9], rico em escravos e posses, criou um filho; este pai, com uma ternura que não se pode exprimir, acima do que o sentimento paterno exigia, dedicado para com o filho, como herdeiro de uma enorme fortuna, até que ele fosse levado pelos golpes desfavoráveis do destino, a notícia de uma dupla perda o teria desamparado, de tal maneira que não só lhe tivesse negado a perpétua estima da posteridade como também causasse uma súbita interrupção na transmissão de sua fortuna. O que então faria ou a fértil paternidade condenada ou então a feliz riqueza encurtada na sucessão? Era muito pouco uma vez que não mais teria o que teve, entretanto também não haveria quem conservasse aquilo que deixou como legado. E assim, na angústia do sofrimento, que sempre procura a compensação da difícil situação, preparou para si uma escultura do filho em casa e enquanto procura o remédio para a tristeza, não sabendo, inventa uma fonte ainda maior de sofrimento, porque somente o esquecimento seria o remédio dos pesares. Na realidade, a partir do que fizera adquiriria, de dia em dia, o renascimento da dor, e naquilo não encontraria a compensação da dor. Finalmente o ídolo foi criado, isto é *idos dolu*[10], que nós, em Latim, chamamos *imagens de dores*. E assim o conjunto de escravos, em agrado ao senhor, se acostumou ou a tecer coroas ou a levar flores ou ainda a queimar ervas aromáticas à estátua. Até mesmo alguns dos servos culpados, evitando a fúria do senhor, ganhavam perdão fugindo para a estátua e por assim dizer ofereciam pequenos presentes de flores e de incenso à certíssima doadora de sua proteção, mais poderosa pelo efeito do temor que pelo afeto do amor[11]. Finalmente, Petrônio, não esquecido desta prática, diz: "O primeiro temor na terra inventou os deuses"[12]. E assim o músico Mintanor[13], no *Crumatopion*, livro que escreveu sobre a arte da música, diz: "Foi um deus que a primeira compunção de dor da raça humana modelou." A partir daí, portanto, lentamente, um erro enraizado e entrelaçado chegou aos seguidores humanos, num certo precipício de funesta credulidade[14].

8. Embora não tenham chegado até nós obras deste Diofanto de Esparta, Fulgêncio a ele se refere também na *Expositio sermonum antiquorum* (5) como o autor que escreveu sobre os cultos dos deuses: *Diofontus Lacedemonius, qui de sacris deorum scripsit*. Segundo Whitbread (1971) e Wolff e Dain (2013) não se trata do matemático Diofanto de Alexandria (século III d.C).

9. Ver o *Livro da Sabedoria*: 14, 15 (Salomão): "Um pai, atormentado por um luto prematuro, manda fazer uma imagem do filho tão cedo arrebatado. Agora honra como deus aquele que antes era apenas um homem morto, e transmite para as pessoas de sua casa ritos secretos e cerimônias." Jayme Prades, em sua *Historia de la adoracion y uso de las santas imagenes...*, 1597, considera que a informação do nome de Sirofanes do Egito é um acréscimo de Fulgêncio (na obra de Prades, considerado S. Fulgêncio): "(a lo qual añade S. Fulgencio, que se llamava este padre Sirofanes) y que despues los Reyes hizieron mas general esta costumbre (com intento de ennoblécer sus linages, y cõ otros fines, como escrive Lactancio Firmiano) y pusieron las imagenes de sus antepasados em las plaças y lugares publicos; y hizieron leyes, y publicaron edictos, por los quales las mandarõ primero moderada e honestamente reverenciar, como esta dicho: y despues procedieron a venerarlas y adorarlas como a dioses, y cosas tantas, que reynavã em el cielo, y gozavan de bienaventurãça y vida imortal." (p. 35).

10. A interpretação de Fulgêncio para a palavra latina *idolum*, a partir do grego εἴδωλον (ídolo), é a contração de *idos dolu*, em grego εἶδος (forma, aparência, aspecto, figura) δόλου (ardil). Segundo Wolff e Dain (2013), só se justifica a interpretação se for dada à palavra grega δόλος (ardil) não a significação do latim *dolus* (engano, ardil), imitada do grego, mas do substantivo feminino *dolus*, surgido na Antiguidade tardia como um doublet de *dolor* e que está na origem do francês *deuil* (luto).

11. Tentamos manter aqui a paronomásia presente em *timoris effectu* e *amoris affectu*.

12. A citação de Petrônio encontra-se no chamado Fragmento 27 da obra de Petrônio (cf. edição *Petroni Arbitri Satirarum Reliquiae*, de Francisco Bücheler). Na *Tebaida* (III, 661), de Estácio, também se encontra idêntica citação. Para outras referências, conferir Wolff e Dain (2013).

13. Não chegou a nós nenhuma outra referência a este Mintanor. Para a sua obra *Crumatopoion*, Whitbread (1971) indica a seguinte formação: xrῶma ((cor, adorno) e tópoj (tema, matéria, assunto), ou seja, o embelezamento dos temas.

14. Conforme interpretam Wolff e Dain (2013, p. 147): *Então, são as fraquezas humanas, dor e bajulação hipócrita, que contribuem para o nascimento dos deuses* (Ce sont donc des faiblesses humaines, la douleur et la flatterie hypocrite, qui rendent raison de la naissance des dieux).

REFERÊNCIAS

FABII PLANCIADIS FULGENTII. *Opera*, éd. R. Helm: Lipsiae: Teubner, 1898.

FULGENCE. *Mythologies*. Traduit, présenté et annoté par Étienne Wolff et Philippe Dain. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2013.

HAYS, Gregory. *Fulgentius the Mythographer: An Annotated Bibliography*. Maintained by Gregory Hays, University of Virginia. Disponível em http://people.virginia.edu/~bgh2n/fulgbib.html. Acesso em 01/12/2015.

MITOGRAFI VATICANI. Cento "fabulae", a cura di Bruno Basile. Roma: Carocci, 2013.

PRADES, Jayme. *Historia de la adoracion y uso de las santas imagenes y de la imagen de la Fuente de la Salud*. Valencia: Impresion de Felipe Mey, 1597. Disponível na Biblioteca Valenciana Digital (http://www.bivaldi.gva.es/es/consulta/registro.cmd?id=1427). Acesso em 01/12/2015.

VENUTI, Martina. *Il prologo delle 'Mythologiae' di Fulgenzio. Analisi, traduzione, commento*. Dottorato di ricerca in Filologia greca e latina. Università degli Studi di Parma, 2009. Disponível em: http://hdl.handle.net/1889/1042

WHITBREAD, Leslie George. *Fulgentius the Mythographer*. Colombus, Ohio: U.P., 1971.

Recebido em 12 de outubro de 2015.
Aprovado em 30 de novembro de 2015.